



**O PROJETO, AS FUNÇÕES E O USO
DOS PARQUES URBANOS DO RECIFE**

Ana Rita de Sá Carneiro

HISTÓRIA

**ANA
RITA
SÁ
CARNEIRO**

Ana Rita de Sá Carneiro – Doutora em Planejamento Paisagístico pela Universidade Oxford Brookes, Inglaterra, Professora Adjunta do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pernambuco.

RESUMO

O trabalho que apresentamos é parte da tese de doutorado denominada "The relationship between park design, functions and uses. A case study in Recife, Brazil" (1996). Teve como objeto de estudo a investigação entre o projeto paisagístico, as funções e os usos dos parques urbanos.

O estudo focalizou o Recife e originou-se da observação acerca da necessidade de criação de novos parques na cidade e da carência de pesquisa sobre parques no Brasil. Também foi realizado um levantamento da literatura na Europa e nos Estados Unidos sobre as concepções de projetos de parques que influenciaram a criação dos parques nos países em desenvolvimento como o Brasil.

A relação entre o projeto e o uso foi analisada avaliando-se a compatibilidade entre o projeto e as reivindicações dos usuários levando-se em conta a provisão de equipamentos, o tipo de atividades realizadas e os problemas identificados.

ABSTRACT

The research had as its main aim the investigation of the relationship between park design, functions and uses. This study, focusing on the city of Recife, originated from observation of a need for new parks in the city, and the limited research about existing parks in Brazil. A literature study of different concepts of park design in Europe and America which have influenced the development of parks in developing countries such as Brazil.

The links between park design and uses were investigated by assessing the level of match between design and user requirements, taking into account the provision of facilities, the type of activities undertaken and the level and type of problems identified.

INTRODUÇÃO

Este estudo se originou de um interesse pelos espaços livres de recreação a partir de uma dissertação de mestrado (1989) sobre as diferentes formas de ocupação e usos encontrados no Parque Histórico Nacional dos Guararapes na Região Metropolitana do Recife.

A observação sobre a visível carência de áreas livres de recreação no Recife, tendo como indicador importante a quantidade de campos de pelada (campos de futebol improvisados em áreas devolutas) existentes por toda a cidade; a falta de informações a respeito de parques bem sucedidos em outras cidades brasileiras, a precariedade de estudos sobre as influências estrangeiras na concepção dos nossos parques; e finalmente, a ausência de pesquisas sobre as necessidades recreativas da população recifense foram os principais motivos que levaram à elaboração deste trabalho. Recorreu-se à literatura sobre o desenvolvimento dos parques na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos que esclareceu como as diversas concepções de parques têm mudado durante os anos, influenciadas pelas características sócioeconômicas e culturais das populações e também pela localização nos aglomerados urbanos. Assim surgiram os vastos jardins contemplativos do século 19, o parque de paisagem da Grã-Bretanha, o *parkway* e os parques de vizinhança americanos, e os formais e monumentais parques urbanos franceses. Além disso, a literatura mostra que as idéias dos paisagistas nos países desenvolvidos influenciaram os projetos dos paisagistas nos países em desenvolvimento e que não existe um projeto ideal de parque que atenda igualmente aos dirigentes e aos usuários nos diferentes países e nem mesmo nas diferentes cidades de um mesmo país.

Assim como os projetos paisagísticos dos parques variam, também as funções e os usos irão variar, pois os projetos dos parques são elaborados para responder a funções a ele atribuídas, que por sua vez devem refletir o modo de viver da população. Recentes pesquisas em parques, em cidades européias e americanas, sobre aspectos do comportamento e percepção dos usuários (Carr et al., 1992; Burgess, Harrison e Limb, 1988; Comedia/Demos, 1995), assim como aspectos sócio-culturais e do planejamento da hierarquia de espaços livres (Llwyn-Davies Planning, 1992), têm focado a participação dos usuários nesse planejamento e no gerenciamento dos parques. E os debates têm crescido em torno da hierarquia de espaços livres, o que tem requerido a formulação de políticas que garantam uma inclusão do sistema de espaços livres no planejamento urbano da cidade.

Muitos problemas também têm sido identificados nos países desenvolvidos como falta de verbas para manutenção, definição de responsabilidades entre o governo central e local, falta de funcionários treinados, falta de segurança, vandalismo e necessidade de espaços livres que atendam aos diferentes grupos sociais incluindo os deficientes físicos e idosos.

Diante das questões citadas, o principal objetivo desta pesquisa foi investigar as relações entre o projeto paisagístico do parque urbano, as suas funções e o seu uso, levando em conta as características do sítio e as condições sócio-econômicas da população que mora no entorno. Assim, a formulação do principal objetivo teve como base o seguinte argumento adaptado de estudos da arquitetura de edifícios: se o paisagista atende no projeto do parque à função definida pelos dirigentes refletindo as necessidades dos usuários, esse projeto estaria compatível com o uso, o que resultaria no sucesso do parque.

A CONCEPÇÃO DOS PARQUES URBANOS DO RECIFE

Comparada com outras metrópoles brasileiras e considerando-se a demanda existente pela grande freqüência nos parques, o grande número de assentamentos populares sem áreas de recreação e jardins, incluindo conjuntos habitacionais e favelas e a presença dos campos de pelada que demonstram a necessidade de áreas de recreação, o Recife é uma das menos beneficiadas pela presença de parques. E parece que a forte presença de elementos naturais – água e vegetação – distribuídos nas praias e áreas ribeirinhas levou os dirigentes a esquecerem a criação de parques públicos, principalmente, para as classes de mais baixa renda, como se a cidade aquática de diferentes manchas, cores e cheiros fosse um grande parque.

No Recife, o primeiro parque denominou-se Parque do Palácio de Friburgo (aproximadamente 6 ha) construído pelo Príncipe Maurício de Nassau por volta de 1642 contendo um jardim botânico e situado onde hoje está a praça da República, em frente ao Palácio do Governo local. Depois surgiu o primeiro Passeio Público (1879) na atual praça 17, também no núcleo central da cidade. O parque 13 de Maio (com 6,9 ha e denominado na pesquisa PP2), cujas discussões foram iniciadas no século passado, foi inaugurado em 1939 numa concepção de parque contemplativo inspirado nos jardins ingleses e franceses, tendo como referenciais os parques do Rio de Janeiro e o Central Parque em Nova York (Foto 1).

A partir de 1985 surgiram o parque da Jaqueira (7 ha – PP1, Foto 2) e o parque de Santana (4,2 ha – PV3, Foto 3), seguido do parque Arnaldo Assunção (2,4 ha – PV5, Foto 4) em 1987 e finalmente, em 1992, o parque Robert Kennedy (1,8 ha – PV6, Foto 5) e o parque Arraial Velho do Bom Jesus (4,6 ha

Fotos: Ana Rita de Sá Carneiro



Foto 1: O caminho principal do parque 13 de Maio, mostrando na parte posterior a Faculdade de Direito



Foto 2:
A forma escultural da raiz da jaqueira –
parque da jaqueira



Foto 3:
Jardins, playground e
ciclovía do
parque de Santana



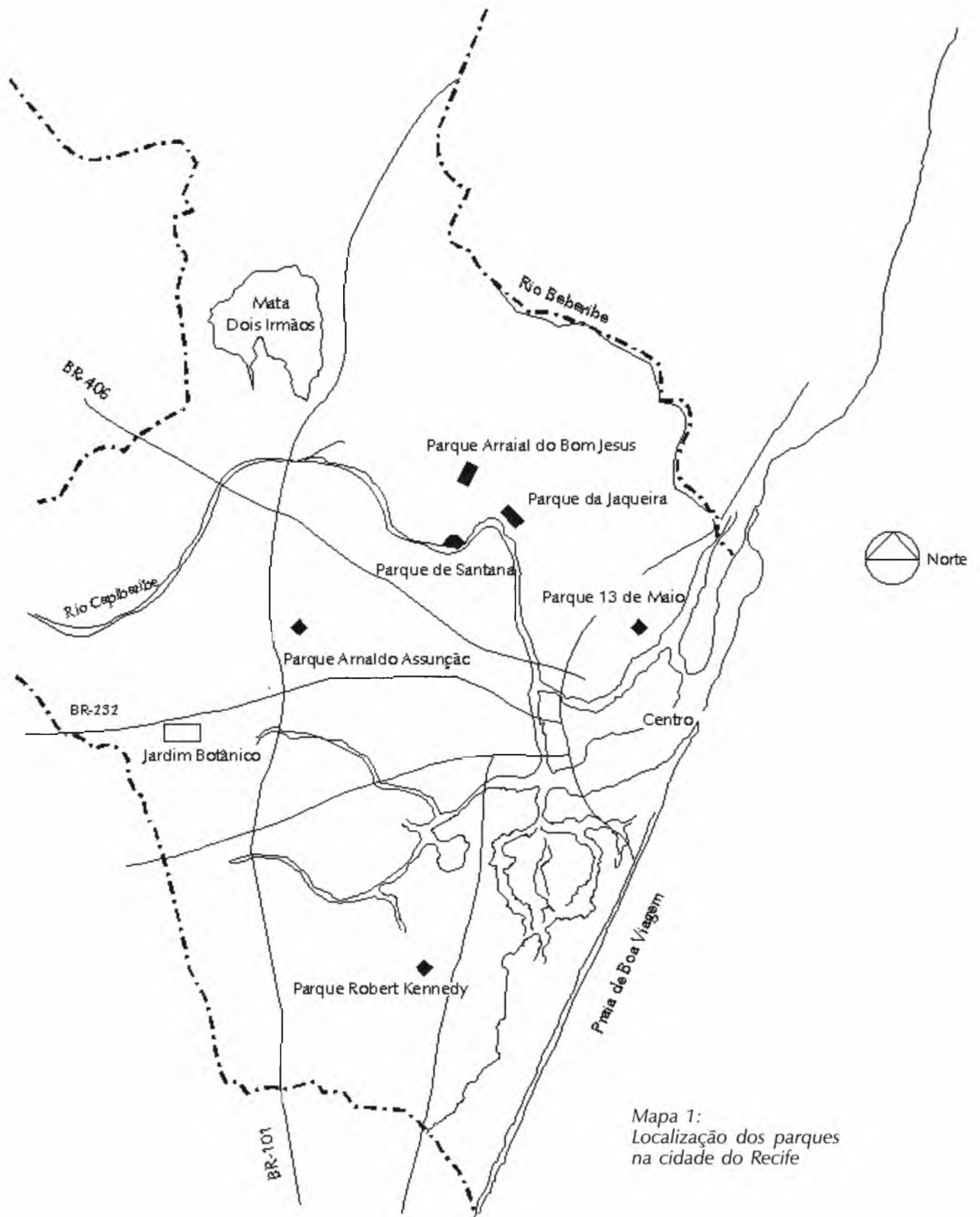
Foto 4: Área de estar próxima ao playground do parque Arnaldo Assunção

– PV4, Foto 6), todos localizados em bairros residenciais (Mapa 1). Além do parque 13 de Maio, apenas mais um desses parques foi idealizado dentro de uma concepção contemplativa; o que predominou foi o parque de atividades esportivas definido pelos paisagistas a partir de uma visão geral sobre a preferência da população pelos esportes. Esses seis parques foram comparados na pesquisa.

Foto 5: Aula de Ginástica com os usuários do parque Robert Kennedy



Foto 6: Arborização densa e passeios do parque Arraial velho do Bom Jesus



Mapa 1:
Localização dos parques
na cidade do Recife

QUAIS AS FUNÇÕES DOS PARQUES DEFINIDAS PELOS DIRIGENTES E COMO ELAS FORAM INTERPRETADAS PELOS PAISAGISTAS?

Os resultados da pesquisa mostraram que no Recife a função dos parques não foi claramente expressa pelos dirigentes e que foram criados não como parte de um processo de planejamento de espaços livres em nível municipal integrado à esfera metropolitana, mas como uma iniciativa de políticos visando sua popularidade ou como promessas de campanhas eleitorais. Assim os projetos dos parques foram concepções individualistas de paisagistas sem discussões com as comunidades ou orientações dos dirigentes. Apenas o parque 13 de Maio foi contemplado com algumas propostas que se sucederam desde 1860 até a terceira década deste século, incorporando influências inglesas e francesas. As funções de parque ecológico, parque educativo, parque de turismo, área de renovação urbana, espaço de relaxamento ou de atividades recreativas não foram especificadas pelos responsáveis. Com um limitado conhecimento acadêmico específico, além das restrições do sítio pela presença de vegetação existente e reduzidas áreas, por exemplo, a maioria dos paisagistas entrevistados, dispensando muitas vezes a participação dos usuários nas decisões e por trabalharem numa estrutura municipal fragmentada, demonstraram que tentavam fazer o que melhor podiam para proporcionar espaços agradáveis nos parques propostos.

QUE FATORES INFLUENCIARAM O PROJETO DOS PARQUES (ÁREA DE PAISAGEM X ÁREA DE ESPORTES)?

De um modo geral, vários fatores podem influenciar a concepção do parque: a história, a localização, o tipo de

mobiliário urbano, os tipos de brinquedos infantis, a qualidade arquitetônica e a locação das edificações utilitárias do parque, a provisão dos equipamentos recreativos e, também, a disponibilidade de recursos.

No Recife, certos aspectos históricos exerceram influência de grande relevância na criação dos parques: os jardins das casas de engenho (Figura 1), os jardins das casas dos comerciantes ingleses, os trabalhos profissionais da Missão Francesa e dos imigrantes ingleses no Brasil, e, através da imprensa com os comentários realizados sobre os parques no Rio de Janeiro e nas cidades européias como também a criação do Central Parque em Nova York no século



Figura 1: Sítio do Chacon, Recife, 1859 (Ferrez, 1988)

passado. Isso incorporou-se às idéias de escritores e jornalistas desde o século passado, que se manifestaram na tentativa de se criar um parque público no Recife tomando como exemplo a qualidade de vida em cidades como Roma, Paris, Londres e Rio de Janeiro. Mas só em 1939 foi inaugurado o parque 13 de Maio sob essa influência.

Além disso, de 1934 até 1937, o paisagista Roberto Burle Marx trouxe sua contribuição à arte da paisagem do Recife projetando os seus primeiros jardins públicos como membro da Diretoria de Arquitetura e Urbanismo do Governo do Estado junto ao arquiteto Luis Nunes, e os engenheiros Joaquim Cardoso e Antonio Bezerra Baltar. Burle Marx foi influenciado pelo estilo de Glaziou, um francês que projetou o parque Quinta da Boa Vista no Rio de Janeiro em 1858, e pelas qualidades paisagísticas dos parques alemães que ele visitara ainda jovem como aluno de pintura e música.

Foi com a presença de Burle Marx no Recife, que houve uma preocupação com o valor estético da paisagem natural dentro do planejamento urbano. Seu primeiro trabalho foi o jardim de Casa Forte onde concebeu um desenho geométrico com espécies amazônicas e exóticas (Foto 7); em seguida a praça Euclides da Cunha (Foto 8) com plantas regionais, as cactáceas; além das reformas na praça Artur Oscar, na praça 17, na praça da República, na praça do Entroncamento, na praça do Derby; e posteriormente o projeto da praça Salgado Filho, nos anos 50. Apesar de seu trabalho ter sido reconhecido por muitos, seu estilo não foi perpetuado como deveria com base em estudos e interpretações dos arquitetos e paisagistas locais, nem utilizado nos projetos paisagísticos dos parques novos dos anos 80

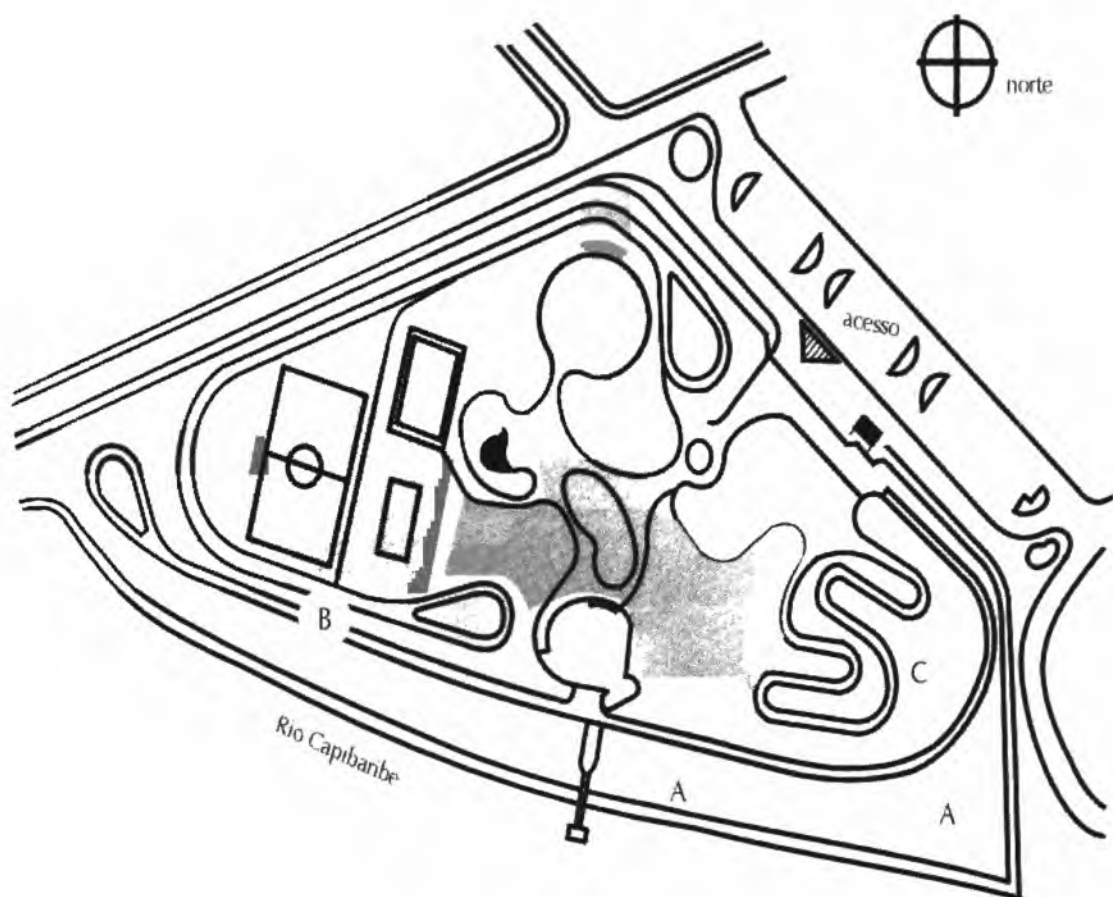
os quais se caracterizaram mais pela presença de equipamentos esportivos.



Foto 7: Canteiros floridos, passeios em terra batida e o elemento água da praça de Casa Forte concebidos por Roberto Burle Marx em 1935

Foto 8: Jardim de cactáceas na praça Euclides da Cunha projetada por Burle Marx





- | | | |
|---------------------------------------|---|--|
| Uso dos parques nos dias úteis | — | A - ÁREA subutilizada considerada perigosa |
| Uso dos parques no fim de semana | ■ | B - PONTO de Conflito (futebol/cooper) |
| Uso nos dias úteis e no fim de semana | ■ | C - ÁREA ociosa |

Mapa 2:
Parque de Santana,
uso nos dias úteis/
fim de semana

Esse procedimento é reforçado quando se constata que os parques do Recife tiveram sua origem a partir de campos de pelada (futebol) instalados espontaneamente pela população pobre, origem, portanto, de uma modalidade de esporte, o futebol. Os sítios onde foram construídos os parques não constituíam áreas muito extensas, continham algumas edificações de serviços e algumas árvores antigas. Como a preferência por esportes era grande, comprovada por pesquisas realizadas, muitas vezes a quantidade de atividades propostas provocava conflitos de uso entre as áreas de esportes, e as áreas de contemplação (Mapa 2). Eram esses dados que orientavam os arquitetos paisagistas, aos quais, por sua vez, faltava informações sobre as preferências da população do entorno, sobre os trabalhos estrangeiros e

experiências bem sucedidas de parques no Brasil, o aprofundamento sobre os princípios básicos para a elaboração do projeto paisagístico, enfim, a compreensão da complexidade do projeto de parque e sua inter-relação com outros campos de atuação. Segundo os paisagistas, autores dos projetos dos parques, entrevistados na pesquisa, a fragmentação na estrutura administrativa dos parques envolvendo o projeto e a manutenção, o número insuficiente de funcionários e a falta de recursos financeiros constituíam dificuldades para um bom uso dos mesmos.

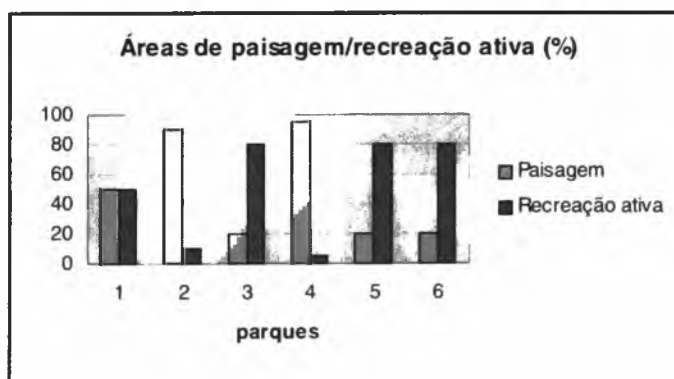
Dois dos seis parques estudados destacam-se como parques essencialmente de paisagem ou parques contemplativos com grande quantidade e qualidade de elementos naturais e reduzida proporção de área de esportes (parque 13 de

Tabela 1 – Percentual aproximado das áreas de paisagem e recreação ativa (por parque)

Categoria	Tipos de parque					
	Público		Vizinhança			
	1	2	3	4	5	6
Paisagem	50	90	20	95	20	20
Recreação ativa	50	10	80	5	80	80
Total	100	100	100	100	100	100

áreas de paisagem inclui vegetação, edifícios e mobiliário

áreas de recreação ativa inclui áreas de esporte e playground



Maio e parque do Arraial – Tabela 1). Os outros parques, pelo contrário, apresentam-se essencialmente como parques de recreação ativa, contendo vários tipos de equipamentos esportivos incluindo quadra ou campo de futebol, pista de cooper e *playgrounds*. Por isso também apresentavam conflitos no uso dessas áreas pela falta de uma definição dos espaços e/ou ausência de elementos de separação através de grades, vegetação ou alhambrado. Entre esses quatro parques restantes apenas um, o parque da Jaqueira, pode ser classificado em outra categoria tendo proporcionalidade entre as áreas de esportes e as de paisagem, porém seu desenho não proporcionou harmonia entre a área histórica, onde se encontra uma capela barroca, e as outras áreas incluindo os espaços apropriados para contemplação. Além disso, de maneira geral, as edificações de apoio não têm qualidade arquitetônica e estão mal situadas faltando preocupações voltadas para o aspecto da segurança e administração.

ATÉ QUE PONTO AS NECESSIDADES DOS USUÁRIOS FORAM ATENDIDAS NO PROJETO DOS PARQUES?

A existência de uma inter-relação entre o atendimento às necessidades dos usuários e o projeto do parque variou nos diferentes parques estudados, dependendo da frequência de uso, da opinião dos usuários sobre o tipo de equipamentos recreativos existentes que satisfaziam às suas expectativas e do gerenciamento proporcionado. Em dois deles essa inter-relação acontecia quanto à provisão de equipamentos, número de funcionários no quadro administrativo e participação satisfatória dos frequentadores nas atividades e programas (parque da Jaqueira e parque do Arraial). Nos outros parques o atendimento decaía devido à inadequação



Foto 9: Conservação precária e vandalismo
no parque de Santana

dos equipamentos, pouca participação dos freqüentadores e número insuficiente de funcionários envolvidos.

Não obstante todos esses fatores, havia problemas de vandalismo, manutenção (Foto 9), segurança e a presença de mendigos, ambulantes e traficantes de drogas, relacionadas com a localização do parque muitas vezes próxi-

mo a favelas ou localizado na área central um tanto deteriorada da cidade (parque 13 de Maio, parque de Santana e parque Arnaldo Assunção).

De um modo geral foi realizada, neste trabalho, uma análise dos projetos dos seis parques através de observação *in loco* abrangendo os tipos de equipamentos existentes (monumento, lago, *playground*, pista de cooper, quadra de jogos, etc.), a quantidade e qualidade dos elementos naturais e construídos (texturas, folhagens, composição, integração entre as edificações, etc.) e outros princípios gerais de projetos paisagísticos utilizados pelos paisagistas ingleses no século 19 (hierarquia dos passeios, proporcionalidade entre as áreas de paisagem natural e áreas para esportes, separação entre as zonas de diferentes atividades).

Nessa análise os parques 13 de Maio e Arraial destacaram-se como parques essencialmente de paisagem pela riqueza de elementos naturais e reduzidas áreas para esportes. Foi constatado que nesses parques os usuários demonstraram maior interesse pela variedade de elementos naturais, entendendo-se assim o parque como um veículo de educação ambiental. Ressalte-se que a importância dada aos elemen-

Fotos: Ana Rita de Sá Carneiro



Foto 10:
Parque 13 de Maio,
valorização do aspecto
natural da paisagem



Foto 11:
Árvores antigas e
mirante do parque Arraial
do Bom Jesus

tos naturais, de uma maneira geral, foi demonstrada pela preferência em admirar jardins com flores e árvores, o que foi constatado na pesquisa com os usuários (Tabela 2). Os outros parques apresentavam-se como de atividades recreativas convivendo na maioria com conflitos de uso pela falta de elementos definidores dos espaços que inclusive facilitasse a sua identificação, e pelo acúmulo de atividades oferecidas. A análise serviu não só para classificar os tipos de parques, mas para demonstrar que a prioridade dada aos

esportes atendia a alguns grupos de freqüentadores deixando insatisfeitos outros grupos como o de mulheres e idosos.

Tabela 2 – Elementos da paisagem que os usuários gostariam de ver no parque

Categorias	Em todos os seis parques	
	Nº	%
Jardins e flores	171	68,5
Árvores e flores	170	65,4
Banheiros conservados	158	60,8
Gramma	145	55,8
Paisagem artística	119	45,8
Água	118	45,4
Competição de esportes	93	35,8
Esculturas/coreto	80	30,8
Animais	79	30,4
Museu	75	28,8
Café/restaurante	48	18,5

QUAIS OS PROBLEMAS DOS PARQUES E COMO ELES SÃO INFLUENCIADOS PELO ENTORNO?

Os problemas identificados nos parques estão relacionados com falta de segurança, falta de policiamento, vandalismo, comportamento anti-social de usuários – os quais podem ser influenciados pelo entorno – além dos conflitos gerados por imprecisões nos projetos e pela falta de gerenciamento adequado. Apenas dois dos seis parques, parque da Jaqueira e parque do Arraial, apresentam um bom nível de uso, o que está relacionado à existência de um escritório de administração local e um número maior de funcionários, o que demonstra de algum modo uma melhor condição de gerenciamento. A pesquisa constatou que mesmo situados em áreas de média e alta renda, o entorno do parque pode trazer influências positivas e/ou negativas. No caso do parque da Jaqueira e parque Robert Kennedy há participação dos usuários na administração dos mesmos, mas no caso

dos parques 13 de Maio, Santana e Arnaldo Assunção a presença de traficantes de drogas que moram ou trabalham no entorno, mendigos e desocupados ocasionam problemas de uso.

CONCLUSÕES

As principais conclusões desta pesquisa relacionam o projeto, a função e o uso dos parques urbanos do Recife.

As funções de cada parque não foram claramente definidas pelos dirigentes devido a deficiências no sistema de planejamento urbano que não tem priorizado os parques como parte essencial do desenvolvimento urbano da cidade sem excluir as camadas de baixa renda, e um plano de espaços livres públicos de uso recreativo. Não havendo funções definidas previamente os próprios paisagistas procuravam idealizá-las apesar da carência de informações sobre parques de maneira geral incluindo estudos acadêmicos e pequenos cursos de formação além da fragmentada estrutura organizacional do governo local onde são realizados os projetos.

Por outro lado, a relação entre o projeto e as necessidades dos usuários variaram não só devido à indefinição de uma função como pela falta de consulta aos usuários o que se refletia em desajustes nos projetos, além das condições precárias de gerenciamento pela carência de recursos do órgão municipal. Assim sugere-se a participação dos usuários desde a elaboração do projeto até o gerenciamento através de associações de amigos do parque como uma medida positiva que vem dando bons resultados não só em cidades inglesas e francesas, mas também no parque da Jaqueira em Recife, uma vez que os parques devem oferecer o que os usuários desejam. Esta pesquisa também apresenta recomendações em nível de planejamento, projeto e gerenciamento de parques tais como a necessidade da definição de uma hierarquia de espaços livres inserindo

os parques, considerações em relação à integração das edificações e mobiliário do parque, hierarquia dos passeios, definição de áreas para contemplação e para atividades esportivas dependendo também do tamanho do parque e estímulo à criação de associações de amigos do parque, programação, regulamento e conservação. As recomendações destinam-se ao governo local e órgãos responsáveis objetivando um melhor planejamento de novos parques com base nos resultados obtidos.

BIBLIOGRAFIA

- BURGESS, J., HARRISON, C. M., LIMB, M. People, parks and the urban green study of popular meanings and values for open spaces in the city. *Urban Studies*. n. 25, p.455-473, 1988.
- CARR, S., FRANCIS, M., RIVLIN, L. G., STONE, A .M. *Public space*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.
- COMEDIA/DEMOS. *Park life, urban parks and social renewal*. Londres, 1995.
- CONWAY, Hazel. *Peoples park*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.
- COSTA, Lúcia M. S. *Popular values for urban parks: a case study of the changing meanings of Parque do Flamengo in Rio de Janeiro*. Londres, 1993. Tese (Doutorado) – University College London.
- CRANZ, G. *The politics of park design. A history of urban parks in America*. Londres: The MIT Press Cambridge/Massachusetts, 1982.
- FERREZ, G. *Velhas fotografias pernambucanas (1851-1890)*. Rio de Janeiro: Campo Visual, 1988.
- KLIASS, Rosa G. *A evolução dos parques urbanos na cidade de São Paulo*. São Paulo, 1989. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – Universidade de São Paulo.
- LAURIE, Iam C. Aesthetic factors in visual evaluation in Zube, Brush and Fabos. *Landscape Assessment. Values perception and resources*. Pennsylvania. In: Dowden/Hutchinson & Ross, Inc., 1975.
- PREECE, R. *Design on the landscape*. Londres/Nova York: Belhaven Press, 1991.
- RIBEIRO, Ana Rita Sá C. *Um espaço com histórias e batalhas. O Parque Histórico Nacional dos Guararapes*. Recife, 1989. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Pernambuco.